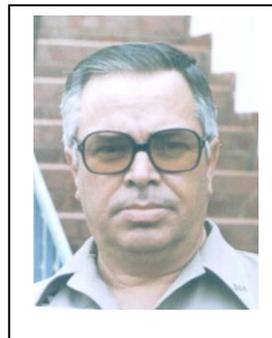


FHE **POUPEX**

A FORTALEZA DE SANTA CRUZ (1836)

(Vista por um Almirante inglês)



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008. O autor é sócio do IHGRJ , titular da cadeira

Digitalização de trabalho do autor na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa para ser integrada no Programa Pérgamum de bibliotecas do Exército

**REVISTA DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO DE JANEIRO**



Rio de Janeiro

1990/1991

A FORTALEZA DE SANTA CRUZ (1836)

(Vista por um Almirante inglês)

Cláudio Moreira Bento

A excelente obra **Os Diários do Alte. Graham Eden Hamond (1773-1862)** (trad. Paulo P. Geyer. Notas: Paulo Berger. Introd. Gilberto Ferrez. E. J.B., 1984) traduz impressões do Rio de Janeiro pelo citado militar em 1825 e 1834/36, quando ali esteve. Primeiro no comando do "**Wellesley**" que trouxe ao Brasil o Lord Stuart, negociador do nosso tratado de Independência com Portugal. Mais tarde como comandante da Estação Naval Inglesa no Rio, a bordo da fragata "**Dublin**".

O trabalho é ilustrado com aquarelas de Emerich E. Vidal (1778-61) é rico em dados sobre a vida no Rio. Percebe-se que não penetrou nos meandros de vida social, política, militar e econômica local. São freqüentes reclamações contra o mau estado das ruas e caminhos do Rio, bem contra a má educação e indisciplina dos cocheiros que era obrigado a usar em sua intensa atividade turística e social. A última no Rio. Em nossa sociedade pouco penetrou e pouca atenção esta lhe dava, o que registra diversas vezes, É um crítico severo dos costumes e figuras brasileiras que olhava com superioridade, exceto para o futuro D. Pedro II e suas irmãs.

Tímido com o sexo oposto, sempre registrou impressões sobre as mulheres das festas. Sentia muitas saudades de sua esposa Bessie, muito parecida com uma brasileira filha de um Sr. Peixoto. De suas valiosas observações registro aqui a sua visão da Fortaleza de Santa Cruz. Visão abalizada de um herói da batalha de **Copenhagen** (2 Abr 1801) após a qual foi honrado em segurar o **Livro de Precês** para o Alte. Nelson orar em ação de graças à vitória.

E mais, tratar-se de veterano de muitos combates navais, de abordagens de navios piratas e inimigos e de assaltos a fortalezas marítimas.

Ele observou em sua visita a Fortaleza em Santa Cruz, em 23 Out 1836:

"Existem três níveis de baterias voltadas para a entrada da barra. No todo são 112 canhões, nenhum menor que 14 libras. Creio que para guarnecer o forte são necessários 1.200 homens. As baterias ficam sobre plataformas, exceto a inferior, provisoriamente em seteiras. As casamatas parecem amplas. Tudo é construído no granito sólido. Não há falta de balas, nem de suprimento nenhum... Cada bateria tem sua forja para tiros incandescentes. Esta fortaleza é dominada pelo Forte do Pico, inatingível com força naval. Os canhões dos navios que passam por Santa Cruz, ficam inúteis, por impossível obter inclinação ideal para alcançar a artilharia do forte... Não vi maneira possível de entrar na fortaleza. Um navio não pode chegar perto dela. Mal há lugar para um grupo de homens se aproximar e tentar colocar escadas de assalto."

Seu aspecto monumental atual remonta a questão Cristie com a Inglaterra em que nossa Soberania foi afrontada. Ela foi então financiada pelo povo do Rio, para prevenir futuras afrontas ao Brasil, como na citada questão.

A Fortaleza iniciada em 1555 registra mais de quatro séculos de inexpugnabilidade e é mais antiga do que a própria cidade do Rio de Janeiro que ela tem protegido como sua sentinela marítima. Durante todos estes anos ela ajudou a poupar o Rio de tentativas de agressões dos holandeses, espanhóis e descendentes e de inimigos do Brasil nas duas grandes guerras. Na época do ouro, em Minas Gerais, que era embarcado para Portugal no porto do Rio, a fortaleza era chave da defesa do nosso porto, considerado então um dos mais bem defendidos do mundo.

Em nossas lutas internas ela impôs respeito e desestimulou aventuras revolucionárias contra o Rio, ao ponto de ser o lugar mais seguro para presídio de revolucionários, como os 33 farrroupilhas que lá estavam presos durante a visita do Alte. Hamond. Esta é, em linhas gerais, a imensa e pouco celebrada projeção histórica da Fortaleza de Santa Cruz, a mais majestosa e bela, a que mais lutou e que foi sempre a mais respeitada por seu grande poder de fogo e excepcional posição.

Por mais de quatro séculos ela foi a última e primeira visão aproximada do Brasil ou do Rio de Janeiro, para milhões de viajantes brasileiros. No primeiro caso, visão nostálgica para os que deixaram o Rio. No segundo, como esperado, feliz e concreto sinal de que estavam retornando ao lar. Isto é particularmente válido para as inúmeras gerações de marinheiros mercantes e de guerra do Brasil desde 1555.

Atualmente dá abrigo a I.^a Brigada de Artilharia de Costa e Antiaérea (QG).

Abreviatura: Alte. — Almirante.

Focalizamos a Fortaleza em gravura em ilustração no Álbum **A História do Brasil através de seus fortes**, ou **Fortaleza Brasil** disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br